

SOLILÓQUIO 01

Eu...

Sabe, eu me lembro de você. De todas as coisas de você. Das vezes em que você chegava, imenso na sua altura. Sapatos brilhando. Enquanto eu admirava a sua figura imensa, você proferia palavras que machucavam mais do que qualquer agressão física. Você vinha sempre quando melhor lhe aprouvesse. Nunca quando eu precisava. Suas mãos eram ásperas, grossas e disformes. E o seu carinho era – hoje eu sei – nojento.

Eu me lembro de você. De todos os piores momentos. Do rosto em chamas, dos gritos, da mão pesada, e das palavras. Você nunca soube ser minha referência. Quando percebi que não podia contar com você, era demasiado tarde para me ancorar sozinha. Perdi-me num mar de rancor e ódio e nojo e repulsa tão grande que já não era possível nenhum resgate.

Ainda ouço em meus ouvidos o zunido daquela tarde. Eu tinha seis anos. Ainda tentei me colocar na frente da minha mãe, mas você era mais forte e me jogou longe, na parede. Não sem antes me acariciar com um tapa em concha nos ouvidos. Eu ainda ouço o zunido. Ainda fico tonta ao lembrar disso.

Você não tem ideia do mal que me fez. De tudo o que passou a representar na minha vida. O feio, o sujo, o mal, a injustiça, o terror e todos os outros sentimentos pobres e devastadores à alma de um ser humano. Não consigo, mesmo, não consigo me lembrar de um só momento em que você esteja e que tenha sido para mim de prazer.

Mas, sabe, eu não quero mais sofrer com isso. Você é o pobre aqui. Você é o miserável. É a sua alma que vai arder no inferno de suas próprias atitudes. É com você que a vida será cruel. Lei de ação e reação, sabe? Você terá em retorno as consequências de tudo aquilo que fez. E do que deixou de fazer também. Não, isso não é a minha maldição. Você só receberá os frutos daquilo que plantou. E você só plantou fel.